



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9880 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

As Marias da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1994): entre práticas e representações

Simôni Costa Monteiro Gervasio - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

As Marias da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1994): entre práticas e representações

Resumo: Este trabalho tem como objetivo principal realizar uma discussão sobre as mulheres (Marias) que compõem a história da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1994) com atenção especial para os papéis desenvolvidos por elas enquanto professoras e jornalistas e suas práticas e representações (Chartier, 1990), considerando que a Revista, enquanto um exemplar da Imprensa de Educação e Ensino, foi um espaço privilegiado para a produção e circulação da informação e do conhecimento. Preliminarmente, se pode apontar que ao problematizar os papéis desempenhados pelas professoras/jornalistas da Revista do Ensino se poderá evidenciar aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais presentes no período e, também, que o ato de escrever, no cenário de um veículo de comunicação, assim como foi a Revista do Ensino, passa, então, a ser entendido como expressão cultural e ofício de mulheres que, desde a década de 50, rompiam barreiras, ocupavam espaços e realizavam atividades usualmente consideradas masculinas.

Palavras-chave: Revista do Ensino. Mulheres. Jornalista. Escrever.

Introdução

A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul[1] (1951-1994) tem sido o *corpus* de análise de muitas pesquisas[2] do campo da História da Educação graças a sua relevância histórica para a organização e influência no sistema de ensino do período. Embora reconhecida por sua importância e representatividade, ainda são poucas as pesquisas que se detêm a olhar para a força humana que colocava em circulação a Revista e, especialmente, para a maioria feminina presente na sua redação em um período em que as mulheres precisavam lutar de maneira ainda mais árdua para conquistar seu espaço social.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo principal realizar uma discussão sobre as Marias[3] que atuaram na produção da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul[4] (1951-1994) com atenção especial para os papéis desenvolvidos por elas enquanto professoras e jornalistas, e suas práticas e representações (CHARTIER, 1990), considerando que a Revista, enquanto impresso pedagógico foi um exemplar da imprensa de educação e ensino e espaço privilegiado para a produção e circulação da informação e do conhecimento.

A RE/RS e as suas professoras/jornalistas

Para subsídio da análise proposta neste trabalho[5], se considera a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1994) como pertencente à Imprensa de Educação e Ensino graças a sua capacidade de editoração, circulação e sucesso entre os professores, que tinha como objetivo fundamental oferecer orientações didático-pedagógicas, sobre a condução das turmas e possibilidades de atividades (com planos de aula, sequências didáticas e até materiais que poderiam ser diretamente transpostos para a sala de aula e a gestão educacional) para os professores em um período em que a oferta de materiais e orientações era ainda escassas e em que as revistas pedagógicas representavam uma opção de custo acessível, ampla circulação e, no caso da RE/RS, grande credibilidade[6].

E é, nesse contexto, que se adiciona a primeira categoria de análise deste trabalho ao se propor uma reflexão sobre quem eram as mulheres que trabalhavam como professoras e jornalistas na RE/RS, principalmente ao se considerar que no período histórico em análise, as questões de gênero e valorização feminina ainda não podiam nem ser sonhadas pela maioria das mulheres.

E assim foi por muitos anos até que a necessidade de expansão do ensino abriu uma porta profissional para as mulheres que rapidamente iniciaram o fenômeno da feminilização do magistério[7]. Em artigo publicado na edição nº 171 de outubro de 1989 da Revista do Ensino, Louro (1989) faz uma retomada histórica para justificar que a partir das primeiras décadas da República, “a única profissão aceitável é ser professora” ao se referir as mulheres. “A profissão é bem aceita para as moças na medida em que se cria ao seu redor a ideia de ser uma extensão do papel de mãe. Esta é uma tarefa que implica em cuidar de crianças e ninguém faz isso melhor que a mulher” (LOURO, p. 26, 1989).

Porém, na contramão cultural, as mulheres e professoras que conduziam a Revista do Ensino, desde os anos 1950, já subvertiam a lógica social ao comunicar e produzir cultura. Tal proposição acrescenta a segunda categoria de análise deste trabalho já que passa a considerar a polissemia da noção de cultura presente em análises de sociedades historicamente localizadas para verificar a representatividade de mulheres que se tornavam jornalistas, onde a categoria das práticas pode ser verificada a partir das suas ações e, as representações, em como essas mulheres se apropriavam do papel que desenvolviam ou representavam.

Assim, se considerarmos, a partir das contribuições de Chartier (1990) sobre a História Cultural, que a representação do sujeito é o que move a sua prática, e que os modos de fazer (práticas) e modos de ser (representações) ligados ao imaginário e a ideologia compreendem um sistema de valores e as lutas do campo social e cultural, podemos entender o comportamento transgressivo a sua época exercido pelas jornalistas da RE/RS durante a produção de um bem cultural, com produção autoral e editorial. Barros (2005) também contribui ao argumentar que:

As noções complementares de “práticas e representações” são bastante úteis, porque através delas podemos examinar tanto os objetos culturais produzidos como os sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive mediante a consolidação de seus costumes (BARROS, 2005, p. 135).

Pesavento (2003, p. 17) contribui com a discussão ao destacar que a ideia de representação pode ser entendida, em consenso entre os autores do campo, como o “resgate de sentidos conferidos ao mundo, e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas” que podem ser traduzidos a partir da cultura.

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar desse mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem sua existência. São matizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos são sentidos ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade (PESAVENTO, 2003, p. 39).

A partir da argumentação de Pesavento (2003) é possível interpretar a atuação das Marias da RE/RS e entender sua atuação para a representação de um modelo para a educação elaborado a partir dos materiais que eram publicados na Revista. Chartier (1990, p. 19) argumenta pelos “processos que constroem o mundo como representações” e que a noção de representação permite “compreender o funcionamento da sociedade ou definir as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo” (CHARTIER, 1990, p. 23).

Assim, e retornando à análise sobre os papéis desempenhados pelas professoras/jornalistas da RE/RS, é possível pensar que as formas institucionalizadas dessas mulheres foram também uma conquista social, cultural, econômica e de gênero, pois as colocava em um lugar privilegiado de fala, um fenômeno cultural que demonstra um processo de agir sobre uma sociedade por meio de imagens, palavras e ideias atribuindo sentidos e, principalmente, sendo propagadas por mulheres em uma sociedade em que à elas era reservado apenas o local secundário de cuidar e em que se subjugava a importância do professor como uma extensão da vocação feminina do cuidado maternal.

[...] todos os discursos foram e são igualmente representações; representações que não apenas espelharam essas mulheres, mas que efetivamente as produziram. [...] Ao se observar tais representações, não se está apenas observando indícios de uma posição feminina, mas se está examinando diretamente um processo social através do qual uma dada posição era (e é) produzida (LOURO, 2017, p. 464).

Outra questão relacionada à análise pretendida por este trabalho está na questão do autor que escreve sobre a sua representação do ideal, como fórmula, em mais uma possibilidade de análise para o trabalho exercido pelas professoras/jornalistas da RE/RS, que tinham a oportunidade e, inclusive, a vantagem de representar sobre o seu ideal de educação, de didática, de organização escolar, e outros, ao escrever e sugerir modos de fazer aos demais professores, leitores da RE/RS.

A esse respeito, Barros (2005) destaca a questão dos bens culturais, como livros, revistas e outros, que tem na sua produção a movimentação de práticas culturais e representações. Neste mesmo sentido podem ser entendidas as revistas pedagógicas como a RE/RS já que “as práticas e representações são sempre resultado de determinadas motivações e necessidades sociais” (BARROS, 2005, p. 134) e, que o caso da RE/RS considerou a demanda das professoras primárias que tinham nesse periódico um dos poucos espaços para consulta, inspiração e para subsídio para a organização e condução das salas de aula. O autor explica que a construção de bens culturais inclui modos de escrever, pensar, expor, de reunir

escritos e, ainda, dar materialidade a partir da impressão.

Por fim e, considerando a argumentação de Chartier (1990), que defende que o enfoque histórico-cultural “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17) é possível perceber que um novo olhar sobre as professoras/jornalistas da RE/RS nos permite um estudo dos processos com os quais se construíram sentidos, configurações sociais e conceituais próprias de um tempo histórico, mas atravessadas pelo comportamento transgressivo a sua época exercido pelas jornalistas da RE/RS.

Considerações finais

Não há como pensar a história de como as mulheres ocuparam as salas de aula sem notar que essa foi uma história que se deu também no terreno das relações de gênero. A feminilização do magistério, ligada diretamente às transformações urbanas que produziram novos sujeitos sociais e abriram espaço para que as mulheres cuidassem de vários “filhos”, subestimou a capacidade feminina de dominar um campo de atuação profissional e cuidar da criação intelectual das novas gerações.

Na mesma esteira pode ser percebido o trabalho desenvolvido pelas professoras jornalistas da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul que, mais do que sair dos seus lares para cuidar por meio do magistério, passaram a cuidar também das demais professoras, oferecendo-lhes conteúdo de qualidade, informação sobre os conflitos de classe, sobre a profissionalização do magistério, sobre a legislação educacional, e conhecimento sobre a sua representatividade e importância econômica, social e cultural.

Assim, este trabalho teve como objetivo ressaltar mais um nuance de pesquisa possível a partir da RE/RS e, desta vez, focada na força profissional das mulheres que conduziram o periódico e foram responsáveis pelo seu sucesso, capaz de ainda, atualmente, atrair diversos pesquisadores interessados em compreender os sistemas de valores e poder presentes nas páginas da Revista. Por fim, se ressalta que as professoras/jornalistas da RE/RS transitavam entre a razão criadora jornalística e a missão comunicativa do escritor, para abordar questões relacionadas ao campo educacional e, ao realizar este movimento, nos permitem analisar verdadeiras lutas de representações por meio de suas práticas que ajudam a construir o mundo.

Referências bibliográficas

BARROS, José D’Assunção. História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, v. 9, n. 1, p. 125 – 141. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41422/21738>. Acesso em: 23 maio 2021.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural** – entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 443 – 481.

_____. História de uma profissão feminina. **Revista do Ensino do Rio Grande do Sul**, n. 171,

outubro de 1989. p. 26.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

[1] Também representada neste artigo pela sigla RE/RS.

[2] Destacam-se as produções de Bastos (2005) e Fischer (2005), entre muitos outros produzidos pelas autoras e outros pesquisadores do campo da História da Educação.

[3] A referência pelo nome Maria para representar as mulheres que fazem parte da história da RE/RS parte dos nomes das três primeiras diretoras do periódico: Maria de Lourdes Gastal, Maria Magdalena Lutzenberger e Maria Josepha Pisacco. Além disso, representa uma referência às mulheres brasileiras, em seu nome mais popular e expressivo de sua tradição.

[4] Sobre o histórico de atuação da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul ver: GERVASIO, Simôni Costa Monteiro; BICA, Alessandro Carvalho; RODRIGUES, Tobias. A imprensa de educação e ensino: o caso da revista do ensino do Rio Grande do Sul. In: RIPE, Fernando; SOUZA, José Edimar; OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena. **História e Historiografia da Educação no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019. p. 235 – 252.

[5] Outros dados e análises prévias que servem de embasamento sobre o trabalho desenvolvido pela Revista do Ensino do Rio Grande do Sul e seu histórico estão em: GERVASIO, Simôni Costa Monteiro. A normatização do ensino primário no Rio Grande do Sul nos impressos pedagógicos do CPOE/RS e na Revista do Ensino (1947-1971). 139f.: il. 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Federal do Pampa. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Bagé, 2019. Disponível em <http://dspace.unipampa.edu.br:8080/jspui/handle/riu/4602>. Acesso em: 23 maio 2021.

[6] Em estudo realizado por meio de entrevistas com professoras que tiveram acesso à Revista do Ensino do Rio Grande do Sul ficou evidenciado que o material era amplamente utilizado para organização e planejamento das aulas de diferentes séries e sistemas de ensino. Os resultados do estudo podem ser conferidos em: GERVASIO, Simôni Costa Monteiro. **Memórias docentes: o uso da revista do ensino do rio grande do sul a partir da década de 1950 no município de Bagé/RS**. Disponível em: <http://dspace.unipampa.edu.br:8080/jspui/bitstream/riu/3050/1/Mono%20Simone%20Gervasio>. Acesso em: 23 maio 2021.

[7] Para outras discussões sobre a feminilização do magistério também ver: TAMBARA. Elomar Antonio Callegado. Profissionalização, escola normal e feminilização: magistério sul-rio-grandense de instrução pública no século 19. **Revista História da Educação**, v.2, n.3. p. 35-57. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30720/pdf>. Acesso em 12 jun. 2021.